



FACULDADE DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO

Graduação

GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

A importância da afetividade na vida escolar

Bianca Conti
Elenilson José Mazari (Orientador)

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar o tema afetividade entre professor - aluno e como ela interfere no ambiente escolar e social do educando. O principal objetivo é levar ao conhecimento de todos os profissionais da educação, o quanto a educação afetiva é benéfica para quem está proporcionando e indiscutivelmente determinante para quem está recebendo. Iremos refletir teoricamente sobre o papel do pedagogo diante de seus alunos. A escola deve proporcionar um espaço de reflexões sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora, na qual esse processo não deveria dissociar-se da afetividade. Sendo que o professor é fundamental para a aprendizagem dos alunos, tornando a afetividade um dos elementos que influenciam esse processo. O presente trabalho foi realizado através de pesquisas bibliográficas, baseados no autor Henri Wallon, e outros artigos convenientes para esse tipo de pesquisa.

Palavras-chave: Afetividade. Educação. Escola.

ABSTRACT

The objective is the analysis of the subject affectivity between teacher - student and how it interferes in the student 's school and social environment. The main objective is the knowledge of all education professionals, regarding an affective and beneficial diet for those who are providing and undoubtedly determinant for those who are receiving. We will theoretically plan the role of the educator in front of his students. A school should develop a space for reflections on the life of the student as a whole, contributing to the development of a conscientious and transformative critique, insofar as this should be done not with the concern of being affected. Being that the teacher is fundamental for the students' learning,

becoming one of the agents that influence this process. The present work was carried out through bibliographical researches, based on Henri Wallon, and other articles suitable for this type of research.

Keywords: Affectivity. Education. School.

Introdução

A importância da afetividade na vida escolar foi o tema escolhido para a conclusão do curso de graduação em Pedagogia, para ser estudado e analisado de forma a compreender o quanto a afetividade entre professor e aluno interfere na vida escolar dos estudantes do Ensino Fundamental I.

O tema escolhido não é novidade para ninguém que atue na área da educação, durante todo o processo de formação acadêmica os estudantes de pedagogia estudam e falam sobre o tema afetividade, o que nos torna familiarizados com o assunto.

Na teoria é tudo fácil e lindo, mas é na prática, exercendo a profissão que vamos descobrir o quanto é difícil colocar em prática esse tema. Para que o professor (a) acha de forma coerente e afetiva com toda sua turma ele precisa ser desprovido de preconceitos e reconhecer dentro da sala de aula aqueles que mais precisam da sua atenção seja na hora do desenvolvimento ou até mesmo para um bate papo onde estaria exercendo a função de um amigo, entretanto uma atitude como essa não é uma tarefa fácil, principalmente no ambiente escolar, pois infelizmente é um dos lugares onde mais ocorrem rótulos e intolerâncias diante dos alunos.

Com a escolha desse tema, pretende-se mostrar, através de pesquisas bibliográficas a importância da afetividade do professor para com seu aluno, e se ela interfere diretamente na aprendizagem e na vida do mesmo, além disso vamos buscar compreender a palavra afeto, que muitas vezes é usada de forma equivocada pelos responsáveis desses alunos ou por seus professores.

Nos tempos atuais não podemos associar o ambiente escolar apenas com um espaço de agregação de aprendizagem, como antigamente, pois atualmente os estudantes já chegam na escola com bagagens emocionais enormes,

influenciando diretamente em sua aprendizagem e em sua vida social dentro do espaço escolar.

É preciso ter a consciência que a afetividade é um aspecto imprescindível para aprendizagem e formação pessoal dos educandos, mas diferentemente do que se pensa, o conceito não é apenas sinônimo de carinho e amor. Em busca dessa compreensão, vamos estudar como a afetividade deve ser trabalhada pelos professores e por seus responsáveis, afinal ambos devem trabalhar de forma unida para que a instituição atinja de maneira adequada seus alunos, pois tratando-se de indivíduos distintos, sabemos que a forma trabalhada com um aluno, pode não ser adequada para outro, causando certa frustração para os professores e alunos, essa frustração provocada no educando pode ser a deixa para ele se tornar tudo aquilo que não queremos que aconteça, como por exemplo: Rebeldia, baixo rendimento escolar, baixa autoestima, entre outros fatores negativos.

Nesse sentido, o objetivo a ser atingido aqui é compreender o papel da afetividade na vida do professor e do aluno, mostrando também, a importância que os responsáveis dessas crianças têm ao desenvolver essa prática com seus filhos, ou a falta do afeto no desenvolvimento delas.

Vamos analisar e buscar compreender como o professor deve aplicar esse termo, nos mostrando que beijos, abraços e palavras de compreensão e carinho é apenas uma pequenina parcela do que possa ser o termo afeto, compreendendo que ela tem que ser aplicada em nosso ambiente escolar para dar vida aos nossos alunos, por meio da confiança, democracia e amizade.

- 1- Compreender a importância do afeto entre professor – aluno na aprendizagem;
- 2- Compreender a importância do afeto no âmbito familiar;
- 3- Compreender como essa afetividade é vista e recebida pelo aluno;
- 4- Analisar se a afetividade recebida por ele, interfere em seu desempenho escolar e social.

Para a realização deste artigo, teremos como base algumas bibliografias, autores como Henri Paul Hyacinthe Wallon e outros que forem pertinentes ao desenvolvimento do artigo, durante a realização do mesmo.

1 O que é ser afetivo

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações. (BEZERRA, 2006)

A dimensão afetiva que é de fundamental importância para Wallon, seja do ponto de vista da construção da pessoa, como do ponto de vista do conhecimento, é portanto marcante para o desenvolvimento da humanidade que se manifesta a partir do nascimento e estende-se pelo primeiro ano de vida da criança. Para Wallon é relevante que a escola ofereça formação integral, ou seja intelectual, afetiva e social, e que dentro da sala de aula, não deve estar apenas o corpo da criança, mas também suas emoções, sentimentos e sensações. Por isso, suas ideias têm como base os quatro elementos que se comunicam o tempo todo – afetividade, movimento, capacidade cognitiva e a formação da personalidade – e que estão íntima e indissociavelmente relacionados entre si. (BEZERRA, 2006)

Quanto à inteligência, Wallon diz, que toda a atividade cognitiva, ou seja, todo o armazenamento organizado de informações da criança implica em sua origem, seu desenvolvimento ou sua conclusão, inevitáveis componentes afetivos que por si mesmo impulsionam a aprendizagem (DANTAS, 1992).

Este pensador da emoção alerta também, que, se o professor tiver conhecimento do conflito eu-outro na construção da personalidade, onde costuma surgir por vezes hostilidade da criança em relação ao professor; tanto pela falta de êxito da criança, pela severidade do professor, por motivos pessoais oriundos da família, quanto por problemas afetivos de origem psíquica, então diante de todos esses aspectos, nós professores poderemos receber essas atitudes com mais tolerância e não tomá-la como afrontas pessoais (DANTAS, 1992).

Portanto, refletir e avaliar as situações e dificuldades buscando compreender seus motivos e reações já é um meio de reduzir a atmosfera emocional. Por isso, é necessário identificar os fatores responsáveis pelos conflitos, o que possibilitará o aperfeiçoamento da prática pedagógica, uma vez

que “a libertação das inteligências pode ser buscada numa redução das duas emoções anti-fisiológicas e anti-cognitivas por excelência: o medo e a raiva” (DANTAS, 1992).

A afetividade é vista por muitos como atitudes de apenas afetos vinculados a beijos, abraços, atenção e carinho, entretanto esse termo afeto vai além dessas definições populares, essas atitudes são apenas uma pequena parcela de tudo que podemos englobar no termo afetividade.

A educação afetiva é levar em consideração o seu aluno, que diante de você é dito como uma criança, e por assim ser é deixado muitas vezes de lado com suas vontades e desejos. Em uma sala de aula onde o professor adota uma postura autoritária os alunos acabam não tendo chances de se expressarem, sabemos que essa postura é cultural e está enraizada a séculos em nossa educação, com estudos voltados para a história da educação podemos perceber que os professores antigamente não eram nada democráticos, e eles eram considerados possuidores de todo ou qualquer conhecimento, tornando os alunos em “vasos”, onde eles chegavam e depositavam tudo aquilo que eles conheciam e eram obrigações deles ensinar (SILVA,2013).

A sala de aula era o reduto de um mestre autoritário, despótico, ditador, um tirano que punia com palmatória e, depois dela, com castigos e humilhações: colocava atrás da porta, de joelhos, em cima do grão de milho, expulsava da sala de aula, usava palavras duras, insultava, berrava, pisoteava, o aluno era adestrado por professores tirânicos (SILVA, 2013).

Na primeira metade do século XX, alguns estudos revelam (FURLANI, 1995; ESTEVE, 1999), que a relação entre professor e aluno era baseada na hierarquia social, na disciplina, na obediência, no respeito, na importância que a sociedade dava aos conteúdos ministrados pela escola e a atividade docente, pois a família e escola desempenhavam papéis bem definidos. A família se ocupava com os ensinamentos e a educação primária com vistas à transmissão de valores. A escola, por sua vez, era responsável pelos estudos secundários, caracterizada pela formalidade e racionalidade (OLIVEIRA, 2009).

Nas décadas posteriores, segundo Tedesco (2002, p.38), produziu-se um processo de desaparecimento das distinções entre professor e aluno. Desse ponto de vista, a massificação da escola foi acompanhada por um processo de

perda de significação social das experiências de aprendizagem que nela se realizam (OLIVEIRA, 2009).

A massificação escolar e a horizontalidade entre professor e aluno e a desvalorização do conteúdo escolar proporcionou um desinteresse pelas experiências vividas em sala de aula. A indisciplina, a intolerância, a realização de atividades apenas para atingir a nota e não pela construção do conhecimento, dificuldades de relacionamentos e trabalho em equipes são alguns aspectos da educação escolar de hoje. Por meio dessa análise, as relações atuais entre professor e aluno podem ser um instrumento facilitador da aprendizagem. (OLIVEIRA, 2009)

Analisando essas atitudes, podemos perceber que no início do século XX não havia afetividade alguma dos professores com seus alunos, eles acreditavam que não era obrigação alguma agradar seus educadores, e que eles lhes deviam total respeito, se isso não ocorresse os professores tinham permissão para usar da agressividade física ou verbal com seu aluno, há menos de 50 anos isso tudo ainda existia, mas hoje estamos em busca do equilíbrio.

O professor de antigamente não era um tirano por querer. Refletia o seu tempo. A família também era assim. O pai era o chefe autoritário da família. Articulava carinho com despotismo. Impunha-se como um rei furioso (SILVA, 2013)

Com o passar dos anos a educação alcançou grandes evoluções no quesito afetividade, mas ainda temos muito para alcançar e muitos tabus a serem quebrados sobre esse assunto. Muitos, incluindo educadores e familiares, ainda acreditam que os educadores devem agir como antigamente, que ele deve ser autoritário e comandar como bem entender, acreditando que o respeito vem através daquele famoso ditado popular “Manda quem pode, obedece quem tem juízo”, confundindo assim, afetividade com falta de respeito e poder.

No Brasil a educação passou pelo império, pelo início da república, pela ditadura militar, até chegarmos ao modelo atual, saímos das palmatorias e hoje nos encontramos em um mundo conectado, onde o respeito deve ser recíproco e o diálogo se impõe.

A educação afetiva acredita que os alunos devem explorar o ambiente para se desenvolverem, levar em consideração as opiniões dos alunos, pois a

afetividade é acreditar que a criança é capaz de opinar, ter vontades, desejos e ideias, inclusive que tudo isso seja interessante, afinal crianças são capazes de ter boas ideias, tomar decisões e exercer liderança dentro daquilo que seu professor ou responsável acredita ser saudável e esteja no alcance da criança exercer.

A teoria de desenvolvimento de Henri Wallon é um instrumento que pode ampliar a compreensão do professor sobre as possibilidades do aluno no processo ensino-aprendizagem e fornecer elementos para uma reflexão de como o ensino pode criar intencionalmente condições para favorecer esse processo, proporcionando a aprendizagem de novos comportamentos, novas ideias, novos valores (ALMEIDA, 2005).

Na medida em que a teoria de desenvolvimento descreve características de cada estágio, está também oferecendo elementos para uma reflexão para tornar o processo ensino-aprendizagem mais produtivo, propiciando ao professor pontos de referência para orientar e testar atividades adequadas aos alunos concretos que tem em sua sala de aula. A identificação das características de cada estágio pelo professor permitirá planejar atividades que promovam um entrosamento mais produtivo entre essas características, conforme se apresentem em seus alunos concretos, e as atividades de ensino. (ALMEIDA, 2005).

Wallon mostra que a afetividade é expressa de três maneiras: por meio da emoção, do sentimento e da paixão. Essas manifestações surgem durante toda a vida do indivíduo, mas, assim como o pensamento infantil, apresentam uma evolução, que caminha do sincrético para o diferencial. A emoção, segundo o educador, é a primeira expressão da afetividade. Ela tem uma ativação orgânica, ou seja, não é controlada pela razão. Quando alguém é assaltado e fica com medo, por exemplo, pode sair correndo mesmo sabendo que não é a melhor forma de reagir (SALLA, 2011).

O sentimento, por sua vez, já tem um caráter mais cognitivo. Ele é a representação da sensação e surge nos momentos em que a pessoa já consegue falar sobre o que lhe afeta - ao comenta um momento de tristeza, por exemplo. Já a paixão tem como característica o autocontrole em função de um objetivo. Ela se manifesta quando o indivíduo domina o medo, por exemplo, para sair de uma situação de perigo (SALLA, 2011).

Pelo fato de ser mais visível que as outras duas manifestações, a emoção é tida por Wallon como a forma mais expressiva de afetividade. Ao observar as reações emotivas, ele encontra indicadores para analisar as estratégias usadas em sala de aula. "Se o professor consegue entender o que ocorre quando o aluno está cansado ou desmotivado, por exemplo, é capaz de usar a informação a favor do conhecimento, controlando a situação", explica Almeida, 2005. Não é possível falar em afetividade sem falar em emoção, porém os dois termos não são sinônimos (SALLA, 2011).

Para Henri Wallon a emoção cria público e nós adultos é que somos o público da criança, por isso não devemos alimentar quadros emocionais de desajustes, desequilíbrios ou ainda pouca compreensão em fusão da idade e das poucas experiências vividas pela criança naquele momento.

Outra frase importante de Wallon é " Só há crescimento se houver perda", aqui as perdas não são só materiais, Wallon está em um âmbito muito maior e está nos dizendo que para deixar de ser um bebê a criança precisa perder este bebê que há nela e se tornar uma criança, para criança se tornar um adolescente ela precisa perder este bebê e esta criança que há dentro dela, e para ser tornar um adulto precisa perder este bebê, esta criança e este adolescente que há dentro dela tornando – se assim um adulto. Mas para essas mudanças serem alcançadas dentro do ambiente escolar, o aluno precisa confiar em seu professor em todos os sentidos (intelectual, humanitário e emocional), isso faz com que a abrangência da teoria Walloniana seja enorme em relações a outros autores. (RIBEIRO, 2015)

Quando o aluno confia em seu professor, ele pode receber o não, que vai dar origem a perda, ele pode receber limites que vai dar origem ao processo dele lidar com as frustrações, e ele pode perceber no professor a partir do não ou da negação as informações relacionadas ao que nós chamamos de socialização, então o aluno perde o individualismo e o egocentrismo, mas ganha coletividade, ganha socialização, é mais um exemplo de só há crescimento se houver perda. A confiança sendo uma via de mão dupla em sala de aula entre os professores e os alunos, tornará o espaço da sala de aula em um ambiente afetivo, amoroso, compassivo e sobretudo humanitário.

O aluno é para o professor o que o paciente é para o médico. É o objetivo da sua existência profissional. Há uma inversão tradicional da função

pedagógica: consideram o aluno um problema para a escola. O comportamento do aluno pode ser um problema: ele não é um problema. Voltamos a metáfora médica: a doença é o problema, o doente não é (KARNAL, 2017).

Estamos diante de um dos dilemas mais curiosos do ensino: você pode combater o mau comportamento, mas sempre lembrando que o aluno é o seu objetivo maior. Separar essas coisas é difícil e, como eu, provavelmente você vai errar nesse campo (KARNAL, 2017).

Entendendo a ideia de Leandro Karnal, podemos perceber que o aluno não é o nosso problema, e sim o seu comportamento, e esse comportamento, nada mais é que um reflexo de algo que não está muito coerente em sua vida, e é nesse momento que o professor deve perceber e intervir de maneira equilibrada. Os responsáveis desse aluno ou alunos devem ser comunicados e chamados à escola para uma conversa com o professor(a), coordenador (a) pedagógico(a) ou diretor(a) da instituição.

Essa aproximação entre responsáveis e instituição é essencial no resultado final que o professor (a) deseja alcançar, mas infelizmente, atualmente, essa aproximação não é conquistada com todos os responsáveis necessários, o que acaba dificultando ainda mais o trabalho do educador, mas por contra partida, o educador já consegue entender o motivo desse aluno ser tão agressivo, temperamental ou com baixa autoestima e sem autoconfiança.

A afetividade familiar deixa a desejar o que reflete diretamente nas escolas, mas também temos de contrapartida os responsáveis que não aceitam críticas construtivas de seus filhos, tratam – os como “cristais”, o que interfere também, diretamente, dentro da sala de aula, pois o aluno não escuta e não respeita seu professor.

Essa dualidade de realidade é encontrada dentro das salas de aula atualmente, e ela cresce cada vez mais, muitos justificam a ausência com a vida corrida e outros confundem a falta de limites com: fazer o meu filho feliz.

Quando comecei a trabalhar, supunha que os pais seriam meus maiores aliados. Mais do que eu mesmo, eles deveriam lutar por uma excelente educação para seus filhos. O interesse pessoal deles no sucesso dos filhos, ao qual eu associava a educação, deveria ser muito maior do que o meu. Aquele aluno era um entre centenas para mim, mas único para eles. Eles seriam os maiores cúmplices do meu projeto educativo. Não foi bem assim. (KARNAL, 2017).

Essa falta é um grande problema dos tempos atuais, na verdade, não é a falta dela, e sim a inversão e a má compreensão do termo afeto.

Karnal (2017) diz, baseado em Aristóteles, que as crianças são amorais, elas não medem a consequência de seus atos, por isso, devem ser ensinadas, mas isso está diminuindo entre nós, pois temos medo de não sermos amados, então por isso mimamos, e assim ao invés de amor, criamos imbecis, resultado esse de todo mimo oferecido pelos responsáveis.

A educação exige limites, então se eu quero educar eu preciso que ele seja estabelecido, porque limites provocam traumas e eles são o início da educação. “A virtude ética é adquirida pelo hábito, não nascemos com ela, mas nossa natureza é capaz de adquiri-la e aperfeiçoá-la. (Aristóteles)”

Em um dos seus depoimentos, feitos em uma canal pelo YOUTUBE Fraiman (2018), psicoterapeuta, diz que atualmente os filhos sofrem com a síndrome do imperador, uma loucura mental narcísica dos pais, eles possuem postura Neuro Óptica de ver seus filhos doentia, acreditam na ideia de ter que fazer o filho feliz a qualquer custo, facilitando demais a vida dessas crianças, criando uma posição em que eles não se frustram, mais essa atitude é negligente e imputa a criança tirando toda a sua autonomia, e isso não é uma demonstração de afeto, ao contrário, o responsável está em descumprimento com o seu papel.

A criança deve aprender a criar, esperar, negociar, a ceder e a se frustrar, para não crescer “aleijado” e sem autonomia.

Todas essas dificuldades encontradas nas instituições, é reflexo do momento em que vivemos atualmente, pais atarefados demais querendo que a escola supra o dever que é deles, o de EDUCACAR, esquecendo que as instituições são apenas um complemento desse ato, e que deve ser realizado em parceria com os familiares.

A família não é o único canal pelo qual se pode tratar a questão da socialização, mas é, sem dúvida, um âmbito privilegiado, uma vez que este tende a ser o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora. A família constitui uma das mediações entre o homem e a sociedade. Sob este prisma, a família não só interioriza aspectos ideológicos dominantes na sociedade, como projeta, ainda, em outros grupos os modelos de relação criados e recriados dentro do próprio grupo (CARVALHO, 2006).

A formação dos educandos quanto aos valores éticos e o desenvolvimento da moralidade como também padrões de comportamento

muitas vezes é apontada pela família como responsabilidade apenas da escola, segundo Di Santo (2006), em seu artigo Família e Escola: uma relação de ajuda relata que atualmente, a família tem passado para a escola a responsabilidade de instruir e educar seus filhos inserindo-os na sociedade.

Logo, deve haver um estreitamento das relações entre família e escola em busca de uma qualificação com mais qualidade, evitando uma confusa transferência de responsabilidades entre ambas as partes para alcançar um bom desenvolvimento saudável dos educandos. (OLIVEIRA, 2009)

O primeiro passo para a interação positiva entre a escola e a comunidade é, sem dúvida, o conhecimento da própria comunidade por parte da escola. Para um considerável afunilamento desta relação, seria necessário toda a comunidade escolar, não somente educadores ou gestores, analisar instrumentos que facilitassem o intercâmbio entre as partes, favorecendo uma relação de confiança e respeito para com os envolvidos. (OLIVEIRA, 2009)

A Lei nº 9.394 da LDB, (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), de 20 de dezembro de 1996, determina que a educação escolar deve ser oferecida, predominantemente, por meio do ensino em instituições próprias. O art. 2º da mencionada Lei dispõe o seguinte: (OLIVEIRA,2009)

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

De acordo com o artigo citado é dever tanto da família como da escola promover o desenvolvimento integral do educando, a formação para a cidadania e o alargamento de qualificações para o mundo do trabalho, porém a sociedade atual passa por transformações tão intensas que os papéis específicos desempenhados por ambas as partes estão sendo cada vez mais confundidos. Diante dessa realidade, está sendo exigido dos professores mais qualificações, mas não somente técnicas específicas da área de atuação, mas preparados para as novas relações pedagógicas, as relações humanas no processo de ensino e aprendizagem. (OLIVEIRA,2009)

Apesar de toda dificuldade encontrada pelos docentes, a procura pelo curso na área da Educação continua sendo uma carreira muito buscada pelos

jovens, especialmente por um tipo específico: aqueles que tiveram a vida transformadas por professores, a revista Nova Escola, ano 33 nº 312, maio de 2018 traz essa informação através de um texto escrito por Pedro Annunziato “A geração que mudou de vida pela Educação chegou à Pedagogia para transformar a história de outras pessoas”. Com a leitura que ele nos oferece, podemos enxergar a luz no fim do túnel, pois nele encontra-se relatos dos novos profissionais de Educação, e através deles percebemos que os jovens profissionais estão dispostos a lutar pelos nossos alunos e por suas escolas, acreditam realmente em uma NOVA ESCOLA para o futuro, eles têm uma visão mais nítida do papel de autor do professor, responsável por construir o conhecimento. “A velha preocupação de disciplinar já não tem o mesmo espaço”, diz Marisa Cavalcante, professora e pesquisadora do ensino de Física da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Considerações Finais

A escolha desse tema ocorreu por estar em alta atualmente, principalmente no campo da Educação.

É um assunto que vem quebrando tabus e ganhando espaços nas discussões acadêmicas e nos âmbitos familiares, por ser uma palavra de simples significado as pessoas se sentem entendedoras sobre o termo afeto, mas, basta ir um pouco afundo para percebemos que ele abrange muito mais do que o seu significado nos oferece, pensando nisso e analisando o nosso quadro atual sobre a educação, é que viemos através desse artigo, esclarecer a importância de aplicar-se corretamente o termo afeto em nossas crianças.

Em um mundo globalizado e de conexões imediatas, nossas crianças estão crescendo com tudo em mãos.

Elas possuem acesso a todo e qualquer tipo de informação, de maneira rápida e continua, seja por programas de televisões, celulares ou tablets, o que importa aqui, é que elas estão a todo momento conectadas e a tendência á isso é só aumentar com o passar dos anos. Além disso, todos esses dispositivos são liberados á eles porque os pais precisam de descanso e paz em seus momentos de lazer, ou para aquela pausa no seu almoço, ou até mesmo para que eles possam usufruir do seu aparelho móvel sem ser incomodado pelos filhos, enfim, esses recursos são usados pelos pais para entreter seus filhos, assim eles ganham algumas horinhas de paz e tranquilidade. Até aqui já podemos notar a

imensa falta de afetividade desses pais para com seus filhos, eles estão distantes e não há diálogo contínuo entre eles, o que com certeza irá afetar emocionalmente essa criança. Mas além disso, ainda temos que lidar com a falta de limites, os pais suprem essa ausência deixando seus filhos fazerem o que bem entendem, não trabalham o não, a negatividade o limite, acreditam que dessa forma estarão magoando seus filhos, o que não é verdade, eles só estão sustentando uma criança mimada que irá crescer sem autonomia e autoconfiança, uma criança que não saberá respeitar seus colegas e professores, porque isso não foi ensinado a ele, conseqüentemente causará problemas para seus futuros professores e para si mesmo.

Tudo isso que vem acontecendo com nossas crianças, são reflexos de pais inconseqüentes que não educam seus filhos para viver em sociedade, através das pesquisas realizadas para este artigo, nós notamos que ser afetivo é, traçar limites, dizer não, e acima de tudo se fazer presente de forma emocional na vida de seu (s) filho (s), pois é através de diálogo e confiança que a educação e o afeto acontece.

A intenção desse artigo é esclarecer que professores, alunos e familiares devem trabalhar juntos, que ambos precisam partilhar da mesma ideia, sempre agregando nas vidas ali envolvidas, pais e professores devem ser amigos e não inimigos, pois ambos possuem algo em comum, o poder de educar.

Referências

ALMEIDA, L. R. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002>. Acesso em: 23 maio 2018.

ANNUNCIATO, P. A geração que mudou de vida pela Educação chegou à Pedagogia para transformar a história de outras pessoas. **Nova Escola**, ano 3,3 n. 312, maio 2018.

BEZARRA, R. J. L. **Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção**. 2006. Disponível em: <<file:///C:/Users/Acer/Downloads/1219-2825-1-PB.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF. Diário Oficial da União, 21 de dezembro de 1996.

CARVALHO, M. E. P de. **Modos de educação, gênero e relações escola-família**. [S.l.:s.n.]. Disponível em <http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/312415.html>. Acesso em: 23 maio 2018.

DANTAS, H. A infância da razão. São Paulo: Manole, 1992.a.

_____. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.b

DI SANTO, J. M. R. **A família na atualidade**. [S.l.:s.n.]. Disponível em <<http://www.webartigos.com/articles/7514/1/a-familia-na-atualidade/pagina1.html>>. Acesso em: 24 maio 2018.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru: EDUSC, 1999.

FURLANI, L. M. T. **Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

KARNAL, L. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Contexto, 2017.

OLIVEIRA, A. C. M. T. **A ausência dos familiares no processo de construção dos saberes: saber ser e saber agir de seus filhos na educação profissional**, 2009. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/ausencia-dos-familiares-no-processo-construcao-dos-saberes.htm>>. Acesso em: 23 maio 2018.

RIBEIRO, L. de M. **Saberes e metodologias da educação infantil**. 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/1646/1/Saberes%20e%20metodologias%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20o%20curso%20de%20pedagogia%20-%20UFAL%20em%20quest%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2018.

SALLA, F. **O conceito de afetividade de Henri Wallon**. 2011. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>>. Acesso em: 23 maio 2018.

SILVA, J. M. **Professor ontem e hoje**. 2013. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/2013/10/5167/professor-ontem-e-hoje/>>. Acesso em: 24 maio 2018.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna**. São Paulo: Ática, 2002.